

ENSAIO FOTOGRÁFICO: MULHERES DE BARRO E ARQUEOLOGIA

Gisela da Silva Campos¹

Este ensaio fotográfico apresenta o Centro Mulheres de Barro de Exposição e Educação Patrimonial da Serra dos Carajás, localizado no município de Parauapebas sudeste do estado do Pará que é objeto de projeto de pesquisa de mestrado em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), da Universidade Federal do Pará. Em decorrência das limitações impostas pela pandemia do novo Coronavírus (Covid-19) não foi possível, até o momento, realizar pesquisa de campo *in loco*. Isso me levou a repensar a questão metodológica da pesquisa, considerando caminhos como o trabalho de campo de forma virtual. Bollettin, Sanabria e Tavares (2020) reuniram uma coletânea de textos escritos por estudantes de pós-graduação que relata como a pandemia está

¹ Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Pará e Discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia-PPGA/UFPA 2020, Bolsista da CAPES, Nível Acadêmico: Mestrado, Área de Concentração: Arqueologia, Orientadora: Marcia Bezerra. E-mail: gisela-campos@outlook.com

afetando o desenvolvimento de suas pesquisas e quais as adequações feitas para dar continuidade aos seus trabalhos.

Sanabria e Bollettin (2020:10) mostram que “é possível realizar uma etnografia, seja ao redimensionar projetos e pesquisas em andamento, seja ao recorrer à investigação no ambiente virtual”. Nesse sentido, o trabalho de campo virtual tornou-se o caminho para a minha pesquisa, diante da impossibilidade de estar em campo de modo presencial. Para isso tenho utilizado aplicativos de web conferência para a realização das entrevistas semi-estruturadas com as/os narradoras/es do Centro Mulheres de Barro (CMB daqui em diante). Durante a realização das primeiras entrevistas, no mês de junho de 2021, a instabilidade da conexão da internet impactou a qualidade da comunicação com as/os artesãs/ãos, mas apesar das limitações impostas pela pandemia conduzi dez entrevistas. Desenvolver pesquisas sem a possibilidade de conviver com as pessoas do CMB tem sido um desafio para o exercício do “olhar, o ouvir e o escrever”, as “três etapas de apreensão dos fenômenos sociais”, como sugerido por Oliveira (1996:15). Por outro lado, reconhecemos que o mundo digital viabiliza o vínculo de comunicação com as/os artesãs/ãos. Miller e Horst (2015:92) afirmam que “O digital, assim como toda a cultura material, é mais do que um substrato; está constituindo-se como parte do que nos faz humanos” o que nos faz pensar sobre as nossas relações sociais, sobretudo no cenário pandêmico, e de como estão mediadas pelas trocas de mensagens instantâneas, videoconferências, e-mails etc.

No contexto pandêmico, o CMB ficou fechado para visitas e realização das oficinas; e a produção das peças grafadas foi reduzida, uma vez que as artesãs, em sua maioria, estão na faixa etária acima de 50 anos de idade. Assim, priorizou-se a biossegurança das mesmas e para ajudar na renda o centro presta serviços terceirizados para decoração de eventos, essa modalidade junto com a venda das peças é de onde vem o recurso financeiro para o sustento das famílias das/os cooperadas/os que resistem apesar das dificuldades. Atualmente, como parte da população de Parauapebas já está vacinada, ao menos com a primeira dose, houve a flexibilização para a abertura de diversos segmentos da economia, dentre ele o CMB, que fez uma abertura parcial para atender visitantes. No entanto, por medida de segurança sanitária, ainda mantenho a pesquisa de forma remota.

O CMB fortalece a atividade artesanal com a venda de produtos, ao mesmo tempo em que divulga a história local por meio de das cerâmicas cujos grafismos são inspirados nos artefatos arqueológicos encontrados na região que fazem parte da Tradição Tupiguarani que, segundo Pereira et al. (2008:48), “foi identificada inicialmente a partir do estudo de coleções arqueológicas provenientes de algumas regiões do sul e sudeste do Pará e confirmada, posteriormente através de pesquisas sistemáticas na região de Carajás”. Com o desenvolvimento de minha pesquisa pretendo contribuir para a arqueologia da região de Carajás, enfatizando as relações de coletivos humanos com os bens arqueológicos locais e a importância das mulheres artesãs na socialização e valorização do patrimônio arqueológico da região. O estudo segue uma linha de reflexões sobre o envolvimento das pessoas com as coisas do passado na Amazônia, com ênfase na produção de artesanato a partir de referentes arqueológicos (Schaan 2006; Bezerra 2014; 2020; Lima, Barreto e Fernandes, 2018; Sales 2020).

O Centro Mulheres de Barro tem sua origem em um curso de Educação Patrimonial (EP) oferecido a um grupo de 45 pessoas que, entre os anos de 2005 e 2011, participaram de oficinas organizadas no âmbito do Programa de Educação Patrimonial para a Área do Projeto Salobo (PA) vinculado aos Projetos de Prospecção e Salvamento Arqueológico realizados pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) em parceria com a empresa Salobo Metais S/A-SMSA e a Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia-FIDESA, entre os anos de 2003 e 2010 (Silveira et al 2008, 2009, 2015). O projeto de arqueologia foi desenvolvido como parte do processo de licenciamento ambiental² ligado à implantação do Projeto Salobo Metais S/A(SMSA), na Floresta Nacional Tapirapé Aquiri (FLONATA), na região de Carajás, desenvolvido pela empresa Vale S.A.

O projeto de arqueologia foi coordenado pela pesquisadora Maura Imazio da Silveira (MPEG) (Silveira et al 2009) e o Programa de Educação patrimonial foi conduzido pela professora Janice Souza Lima (Souza Lima 2011). O programa tinha como um dos

² Instrução Normativa (IN) nº 001, de 25 de março de 2015 que “Estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental dos quais participe” e inclui capítulo sobre a Educação Patrimonial. Fonte: www.iphan.gov.br

objetivos a formação de ceramistas de modo a promover a preservação do patrimônio arqueológico local e, ao mesmo tempo, oferecer uma alternativa econômica sustentável, por meio da produção de peças em cerâmica (vasos, tigelas, colares, placas etc.). Após seis anos de curso, seis mulheres estavam qualificadas como ceramistas e sensibilizadas para a formalização de um empreendimento criativo: a Cooperativa dos Artesãos da Região de Carajás – Mulheres de Barro. Além disso, no âmbito do programa de Educação Patrimonial foram produzidos materiais didático-pedagógicos, tais como o livro Educação Patrimonial e Arqueologia na Floresta, um catálogo de peças das Artesãs e duas revistas de educação patrimonial.

Em 2016, elas inauguraram o Centro Mulheres de Barro de Exposição e Educação Patrimonial da Serra dos Carajás, tornando-se referência para a visibilidade e o destaque do papel da mulher dentro da economia alternativa de Parauapebas. Atualmente o CMB faz parte da Artesol, que é a Rede Nacional do Artesanato Cultural Brasileiro por meio dessa rede o CMB faz a comercialização dos seus produtos para clientes em boa parte do Brasil. As artesãs utilizam as redes sociais (Instagram e Facebook) e a loja virtual para divulgar os produtos e cursos e, paralelamente, divulgam a história local por meio das cerâmicas. Assim, as “mulheres de barro” proporcionam a aproximação e valorização da cultura material local, além de fortalecerem o sentimento de pertencimento entre as pessoas e o patrimônio arqueológico da região.

As atividades oferecidas pelo CMB são: ações de educação patrimonial, visitas guiadas na exposição, rodas de conversa, artes visuais (ver imagem 10) incentivando, assim, a criatividade e despertando a sensibilidade para outras maneiras de comunicação; artes plásticas e artesanato contemporâneo que apoia o consumo consciente e a qualificação de artesãs/aos com base em técnicas tradicionais e contemporâneas; artesanaria cerâmica, na qual os/as alunos/as aprendem modos tradicionais de modelar a argila, de decorar as peças e a aplicação dos grafismos (ver imagens 1, 6, 7 e 8) e apliques como o modelado antropomorfo conhecido, localmente, como “Bitoca” e zoomorfos representados pelo rabo do tatu, filhote de papagaio, entre outros. Além disso, há cursos de tecelagem em fibras naturais (ver imagem 4 e 5) e artesanato com sementes. Todas essas ações têm como um dos principais

objetivos a geração de renda com produtos sustentáveis. As oficinas aliam teoria e prática para que as pessoas participantes tenham acesso ao conhecimento sobre as matérias primas, as técnicas tradicionais e contemporâneas utilizadas para a confecção do artesanato.

O que tenho observado em minha pesquisa, que ainda está em seu estágio inicial, é que as mulheres do CMB têm um papel importante na divulgação e na socialização dos bens arqueológicos para as comunidades da região. Sua atuação sugere a importância da arqueologia no contemporâneo expressa, no presente caso, na geração de emprego e renda para essas mulheres e outras pessoas que elas têm ajudado a formar a partir do conhecimento compartilhado sobre as técnicas artesanais e os grafismos arqueológicos.

As imagens a seguir constituem uma breve narrativa visual do trabalho desenvolvido pelas mulheres do Centro Mulheres de Barro que conta, atualmente, com vinte cooperadas/os e cinco multiplicadoras em sua linha de frente. As imagens revelam o dia a dia das pessoas, da cultura material e das ações que constituem o Centro Mulheres de Barro.

Algumas imagens são de minha autoria e foram registradas antes da pandemia, no início de março de 2020, outras em junho de 2021 em uma ocasião, quando o CMB voltou a funcionar, e eu procurava saber como estavam as condições de acesso à internet. As demais imagens foram cedidas pelas cooperadas que registram suas atividades cotidianas no CMB, colaborando assim com material fotográfico para a dissertação e para o presente ensaio.

Referências

- Bezerra, M., 2014. as cores do passado na Amazônia: o patrimônio arqueológico no artesanato da vila de Joanes, Ilha do Marajó, Brasil.. *Amazônica – Revista de Antropologia*, 6 (2): 418-441.
- Bezerra, M., 2020. A urna bordada: artesanato e arqueologia na Amazônia contemporânea. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15 (3): e20190124.
- Bollettin, Paride; Sanabria, Guillermo Veja; Tavares, Fátima (Orgs.), 2020. *Etnografando na Pandemia*. Cleup, SC.
- Centro Mulheres de Barro. Disponível em <https://centromulheresdebarro.com.br/>. Acessado em 13 set. 2021.
- Horst, Heather A; Miller, Daniel., 2015. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. *Parágrafo*, jul. /dez., 2 (3): 91-111).

- Lima, H. P.; Barreto, C. e Fernandes, C. 2018. Museus no século 21: ações pela salvaguarda e socialização do acervo arqueológico do Museu Goeldi. *Revista do Patrimônio*, 38: 145-161.
- Oliveira, Roberto Cardoso de, 1996. O Trabalho do Antropólogo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 39 (1): 13-37.
- Pereira, Edithe; Silveira, Maura Imazio da, et al, 2008. A Tradição Tupiguarani na Amazônia. In: Os ceramistas Tupiguarani/organizado por André Prous e Tania Andrade Lima. Belo Horizonte: Sigma.
- Sales, Taynara, 2020. Arqueologia Contemporânea na Amazônia: reprodução da iconografia e cerâmica da cultura Maracá. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Belém, PPGA/UFPA.
- Sanabria, Guillermo Veja, Paride, Bollettin, 2020. Introdução - Estranhamento, adaptação e mudança na pesquisa antropológica. O que permanece no “trabalho de campo” após a epidemia de Covid-19?. In: Bollettin, Paride; Sanabria, Guillermo Veja; Tavares, Fátima. *Etnografando na Pandemia*. Cleup, SC, pp. 09-19.
- Schaan, Denise P., 2006. Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura Marajoara. *Revista Arqueologia Pública*, São Paulo, 1: 19-30.
- Silveira, Maura Imazio da; Leal Rodrigues, Maria Cristina; Oliveira, Elisângela; Losier, Louis M., 2008. Seqüência Cronológica de Ocupação na Área do Salobo (Pará). *Revista de Arqueologia*, 21 (1): 61–84.
- Silveira, M. Imazio da; Leal Rodrigues, M. C.; Machado, C. L. Oliveira, E.; Losier, L.M., 2009. Prospecção arqueológica em áreas de floresta – contribuição metodológica da pesquisa na área do Projeto Salobo (Pará). *Revista do MAE, USP*, 19: 155-178.
- Silveira, Maura I.; Rodrigues, Maria Cristina I. F.; Oliveira, Elisângela R.; Losier, Louis, 2015. Arqueologia na floresta: contribuição metodológica da pesquisa na Floresta Nacional Tapirapé- Aquiri – FLONATA, área do Salobo, Pará. *Revista do Museu de Arqueologia Etnologia.*, 25: 133-167.
- Souza Lima, Janice S. 2011. *Educação Patrimonial e Arqueologia na Floresta*. Belém: MPEG.



Imagem 1 – Prato com a representação do grafismo espinha de peixe, pele de cobra e com o aplique antropomorfo Bitoca. Fonte: Campos (2020).



Imagem 2 – Reserva Técnica, Fundação Casa da Cultura de Marabá(FCCM). Fonte: Campos (2020).



Imagem 3 – Artefatos arqueológicos cerâmicos corrugado e com borda e decoração incisa. Acervo Fundação Casa da Cultura de Marabá (FCCM). Fonte: Campos (2021).



Imagem 4 – As artesãs Adi Marilda B. de Souza e Maria do Socorro Teixeira na confecção de esteiras utilizando como matéria-prima a fibra de taboa. Fonte: Campos (2021).



Imagem 5 – Cooperado Vanderley dos Santos que participou da oficina de fibra. Fonte: Campos (2021).



Imagem 6 – Artesã Maria do Socorro Teixeira decorando o vaso cerâmico com o grafismo ponta de flecha.
Fonte: Teixeira (2021).



Imagem 7 – Artesã Maria do Socorro de Souza Carneiro prepara uma peça para receber os grafismos. Fonte: Carneiro (2020).



Imagem 8: A artesã Sandra Santos retira do forno as peças de cerâmica. Fonte: Carneiro (2020).



Imagem 9 – Expositor com os produtos cerâmicos disponíveis na loja do CMB para a comercialização. Fonte: Campos (2020).



Imagem 10 – Quadros pintados pelos alunos e alunas na realização da oficina de Educação Patrimonial e Artes Visuais. Fonte: Campos (2021).



Imagem 11 – A artesã Aurenice Oliveira conduz visita guiada para a turma da Escola de Educação Infantil Êxito. Fonte: Campos (2021).



Imagem 12 – Fachada do Centro Mulheres de Barro. Fonte: Campos (2021).